

Fake News: Uma Investigação Teórica Deste Fenômeno Social¹

Icaro Heron Ferreira da COSTA²
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

Esta pesquisa busca investigar os fatores que alavancaram o surgimento e a propagação das fake news, as conceituando e analisando suas consequências a partir de autores da sociologia e da comunicação. Para compreendermos este universo, partiremos das perspectivas de Bauman (2007) e Chul-Han (2016), e analisaremos como os indivíduos estão sujeitos a tornar a informação um espetáculo por meio de Debord (2003). Abordaremos também como as redes sociais influenciam esse âmbito somado a prática da a partir de Recuero (2010), e por último, a esfera de propagação das fake news como Gelfurt (2017) e Branco (2017) ligados a fala dos outros autores trabalhados nesta pesquisa. O estudo das fake news ainda é recentemente, todavia, a velocidade da informação por meio da tecnologia é o fator crucial para a disseminação dessas notícias, e suas consequências para a sociedade podem ser alarmantes.

PALAVRAS-CHAVE: fake news; sociedade do espetáculo; redes sociais; comunicação.

INTRODUÇÃO

As considerações desta pesquisa tratam-se de uma análise a respeito da compreensão das *fake news*, termo este que se proliferou consideravelmente nos últimos tempos devido a exacerbação dos indivíduos no meio digital mediante a utilização das redes sociais na contemporaneidade. O contexto histórico em que estamos inseridos é de crucial importância para este estudo tendo em vista que notícias falsas sempre estiveram presentes na humanidade. Contudo, salientamos aqui, que surge uma força na proliferação dessas informações devido a facilidade e a agilidade que essas redes sociais dispõem em seu organismo de funcionamento.

¹ Trabalho apresentado na IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação, 8º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade de Fortaleza, Unifor, e-mail: icaroheron@gmail.com

Para contextualizar o termo ao referente estudo é válido frisar que muitos autores atuais dialogam em ideias comuns na hora de definir as *fake news*, no qual às conceituam de um modo geral como matérias das mais diversas vertentes que são intencionalmente falsas e que tem como objetivo enganar as pessoas de algum modo com o seu material. Contudo, não somente através de conteúdos veiculados essas informações são repassadas para o público. A própria disseminação de informações mentirosas a partir dos usuarios *online* (que mobilizam um grande número de pessoas a partir desse conjunto de informações), já pode adquirir essa potência como *fake news*. Em suma, o compartilhamento de notícias sem fonte segura ou comprovação de existência não só criam essa objeção como tem o poder de rapidamente se alastrar no cenário digital.

JUSTIFICATIVA

O interesse pelo estudo desta temática surgiu no período na disciplina de Comunicação e Novas Tecnologias, que abordou em determinado momento o estudo das *fake news*. É interessante o estudo desse assunto em virtude das informações veiculadas no ambiente online. Em uma sociedade que vem se direcionando a um caminho cada vez mais digital, as relações sociais e de consumo vem se adequando a essa dimensão e se concentrando diariamente ainda mais inerentes a elas.

Por isso, são necessárias pesquisas que abordem a esfera digital e todos os elementos que a compõem, inclusive, as consequências da sua utilização tão excessiva, que traz novos viés diariamente de comportamento e de manifestação de opiniões na rede, mas também no espaço offline. Dentre inúmeros problemas recorrentes dessa plataforma, as *fake news*, atualmente, são uma das mais grave dificuldades a serem superadas pela sociedade atual em detrimento da liberdade que o âmbito online oferece para internautas mal-intencionados. Isso reflete uma questão mais complexa, e que se espalha pelo universo offline: as consequências das *fake news* alastram-se além do virtual e geram interferências em diversas esferas sociais.

METODOLOGIA

O processo de desenvolvimento da metodologia desta pesquisa foi, essencialmente, a revisão bibliográfica. Esta é determinante para qualquer pesquisa acadêmica, pois é nela em que há fatores imprescindíveis para o corpo do material redigido:

[...] o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias idéias e opiniões (DUARTE, 2018,p. 51)

Em suma, ela é fundamental para uma produção acadêmica visto que sua intenção é, a partir de inúmeros autores, se aprofundar na direção da temática estudada.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Devemos dar início a esta investigação levando em conta que, o âmbito da comunicação sofreu grandes readaptações mediante ao surgimento das novas tecnologias. É visto que, para compreendermos esta área tal qual encontra-se atualmente, complexa e instável, é necessário examinarmos as diversas transformações que, com o auxílio dos recursos tecnológicos, modificaram o processo de como as informações chegam até os seus receptores e de como elas são disseminadas entre eles.

Antes disso, é pertinente destacar uma das mais importantes alterações que a comunicação em uma conjuntura global sofreu em detrimento deste avanço: a informação encontra-se bem mais veloz e efêmera. Bauman (2001) reconhece a precibilidade dessa informação, que por conta da incontestável velocidade das mudanças, característica fundamental da pós-modernidade³, notícias envelhecem rápido, e logo são esquecidas para darem espaços a novas narrativas.

³ Termo que o autor utiliza para definir o presente momento em que a sociedade se encontra..

1.1. O contemporâneo como campo propício para difusão das *fake news*.

A incansável busca por lucro fez com que o sistema no qual estamos inseridos nos obrigasse a termos uma vida cada vez mais acelerada. Bauman (2007) afirma que a vida do indivíduo pós-moderno não pode permanecer estática. O que importa nela não é a duração dos acontecimentos, e sim a velocidade. Por detrimento deste fator, é válido salientar que na esfera capitalista em que vivemos,

O que promove a comunicação não é a barreira imunitária, mas o Gosto. A circulação rápida de informações acelera também a circulação do capital. É, portanto, graças à supressão das barreiras imunitárias que grandes massas de informação podem penetrar-nos, sem que deparem com reações imunitárias. Um nível imunitário baixo fortalece o consumo de informações. A massa não filtrada das informações acaba por embotar por completo a percepção. (CHUL-HAN, 2016, p.74).

A produção da informação chega então em excesso, e não podemos deixar de consumi-la. Bauman (2007) discorre que para o sujeito usar plenamente do seu potencial, é necessário ter uma grande quantidade de informações frequentemente atualizadas. De modo geral, até acreditamos estar cientes do que ocorre no mundo, contudo, acabamos por ter noções rasas de cada temática para conseguirmos abarcar tantas questões existentes.

É por consequência disso que, “o dilúvio de informação a que estamos hoje expostos diminui, sem dúvida, a nossa capacidade de redução ao essencial” (CHUL-HAN, 2016, p. 74). Acabamos então por receber mais informações do que precisamos ou até mesmo aguentamos, afinal, com todo esse excesso de conteúdo “a partir de um certo ponto, a informação deixa de informar e passa a deformar, do mesmo modo que a comunicação deixa de comunicar, limitando-se a acumular” (CHUL-HAN, 2016, p. 75).

Com o bombardeio desses conteúdos que são empurrados para nós diariamente, as mídias, no objetivo de se destacarem mediante ao excesso delas próprias, para

alcançarem a atenção dos sujeitos, tendem a lançar suas informações a partir de um viés ligado a espetacularização.

Tal percepção nos leva a análise do estudo de Debord (2003) que, desde 1973, aponta o espetáculo como idiosincrasia da mídia e dessa sociedade marcada pelo consumo, afirmando que todo corpo social contemporâneo regido pelo capitalismo manifesta uma ampla concentração de incontáveis espetáculos, e que vão além dos veículos midiáticos. Segundo o autor, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediatizadas por imagens” (DEBORD, p.14, 2003). O autor explora em suas concepções a perspectiva de que, além dos meios de comunicação, as próprias relações entre os sujeitos percorrem os ambientes de convívio também mediados pela logística da mercantilização.

Debord (2003) acredita que isso ocorre porque nada escapa da esfera do consumismo. Em consequência desse fator, os indivíduos fabricam o tempo inteiro informações e representações que ofuscam a realidade por meio de uma ótica de aparências característica da sociedade de consumo. Chul-han (2013) dialoga com este pensamento, afirmando que:

A interconexão digital favorece a comunicação simétrica. Hoje, os participantes na comunicação não consomem as informações de modo simplesmente passivo, mas geram-nas ativamente também eles próprios. Não há qualquer hierarquia inequívoca que separe o emissor do receptor. Cada um é emissor e recetor, consumidor e produtor, ao mesmo tempo (CHUL-HAN, 2016, p. 15).

Por assumirmos todos esses papéis, devemos concluir que isso nos “conduz a um incremento enorme da quantidade de informação. O meio digital oferece não só janelas de acesso à visão passiva, mas também portas através das quais transportamos para o exterior as informações que nós próprios produzimos” (CHUL-HAN, 2016, p. 28). Sendo assim, como agentes também criadores de informação, os sujeitos disseminam incessantemente espetáculos. Então, se nada escapa da lógica da espetacularização, devemos salientar que:

Não se pode opor abstratamente o espetáculo e a atividade social efetiva [...] O espetáculo que inverte o real é efetivamente produzido. Ao mesmo tempo, a realidade vivida é materialmente invadida pela

contemplação do espetáculo, e retoma em si própria a ordem espetacular dando-lhe uma adesão positiva. A realidade objetiva está presente nos dois lados. Cada noção assim fixada não tem por fundamento senão a sua passagem ao oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. (DEBORD, 2003, p.16)

Sendo assim, no contexto contemporâneo, o caráter hipnotizante das imagens se apresenta de forma mais intensa do que nunca antes visto, com esses conteúdos que são disseminados muitas vezes de forma sensacionalistas, exagerada e sem credibilidade alguma. Tal dedução emerge ainda das análises do próprio Debord (2003). Mesmo pensando na sociedade de espetáculo em outro momento histórico, seu conceito permanece fazendo bastante sentido no cenário do advento da internet e do surgimento das redes sociais. Para confirmar esta premissa, podemos dizer que:

Estas novas tecnologias no campo da informação agem na capacidade de percepção dos indivíduos e dificultam a representação do mundo pelas atuais categorias mentais. A sociedade transforma-se numa sociedade do espetáculo, na qual a contínua reprodução da cultura é feita pela proliferação de imagens e mensagens dos mais variados tipos. A consequência é uma vida contemporânea super-exposta e invadida pelas imagens, operacionalizando um novo tipo de experiência humana, caracterizada por um modo de percepção que torna cada vez mais difícil separar-se ficção de realidade. (BAHIA, 2005)⁴

Ou seja, corroborando com a ideia de Debord (2003), a reflexão citada acata o fundamento de que a sociedade de espetáculo, dentro do âmbito de crescimento das novas tecnologias, se manifesta de forma muito bem executada. Conclui-se que isso se dá justamente por conta da reprodução dos conteúdos que vêm se tornando cada vez mais fáceis de serem compartilhados. Além disso, ainda temos mais acesso as nossas redes sociais, que nos dão a facilidade de espalhar esse conteúdo através das opções de compartilhamento de publicações.

⁴ Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=observatorio+de+imprensa+sociedade+do+espetaculo&rlz=1C1CHWL_pt-BRBR821BR821&oq=observatorio+de+imprensa&aqs=chrome.1.69i57j35i39j0l3.8389j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8> Acesso em: 03/03/2019

1.2. A influência das redes sociais para a difusão das *fake news*

A partir das conclusões do tópico anterior, percebemos que graças ao avanço das tecnologias, a espetacularização pode então ser visivelmente notada como intrínseca ao arranjo das redes sociais.

Para conceituá-las então, Recuero às define dizendo que “são sites cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicização dessas redes. (RECUERO, 2009, p. 104). Já que a informação publicada nessas plataformas tem como proposta justamente expor os mais diversos formatos de conteúdo para outros inúmeros usuários, as redes virtuais se apresentam como ambientes que, devido aos seus organismos de funcionamento, dão margem e força para a propagação de incontáveis formas de espetacularização das informações que nelas permeiam.

Entretanto, para compreensão das relações presentes dentro dessas redes, é necessário um aprofundamento delas. É válido, por exemplo, apontar que:

A interação mediada pelo computador é também geradora e mantenedora de relações complexas e de tipos de valores que constroem e mantêm as redes sociais na Internet. Mas mais do que isso, a interação mediada pelo computador é geradora de relações sociais que, por sua vez, vão gerar laços sociais. (RECUERO, 2009, p. 34)

Essas relações virtuais apresentadas por Recuero (2009) apontam a importância da lista de contatos para a divulgação de publicações, evidenciando que tais listas podem engajar inúmeros laços sociais. Para ela, esses laços são bons e primordiais para a propagação do conteúdo. Entretanto, em contrapartida, para Bauman (2007), os laços nas redes assumem também características negativas, e são estas as que serão evidenciadas na presente pesquisa.

Os laços virtuais, de acordo Bauman (2007), são mais fáceis de lidar do que os presenciais. A virtualidade, por conta da sua praticidade incomparável, fabrica sujeitos que podem se deslocar facilmente por redes de ciber conexões, escolhendo a dedo quem as quer nelas. Qualquer opinião que não satisfaça o sujeito é simples de ser excluída e

até bloqueada de ser vista. Devemos ter a noção de o que se manifestará nas redes sociais, “em regra, serão conteúdos com os quais o usuário se identifica e por cujas atualizações anseia” (BRANCO, 2017, p.04). Em suma, essas redes estão a serviço da disseminação de informações que agradem o seu respectivo usuário.

Em detrimento disso, criamos em nossas conexões um perfil seletivo de informação que chega até nós. Destaque-se, a partir dos algoritmos, ou seja, “um conjunto de dados gerados por todos os mecanismos algorítmicos utilizados para se fazer uma edição invisível voltada à customização da navegação online (BRANCO, 2017, p. 02), que estamos segmentando cada vez uns aos outros nos ambientes online.

Por essas plataformas serem então constituídas por bolhas de informações em seu organismo de funcionamento, pode-se concluir que desse modo que:

A bolha limita a diversidade, já que o usuário segue recebendo indefinidamente conteúdo postado por aqueles seus amigos e conhecidos com quem já detém afinidade ideológica. Dessa forma, fica menos sujeito a críticas e opiniões contraditórias, limitando, assim, a gama de informações que recebe. (BRANCO, 2017, p.3)

Sendo assim, redes sociais como o *Facebook*, que funcionam na base de algoritmo, acabam não dando espaço para opiniões que contradizem ou entendiam o seu usuário. Podemos afirmar isso apontando que:

A fim de satisfazer suas próprias necessidades, inúmeros serão os usuários que optarão por deixar de seguir (dar unfollow) em quem quer que discorde dele, que não curta nem compartilhe suas publicações ou que simplesmente lhe pareça desinteressante. No limite, um usuário pode ser até mesmo bloqueado. Em contrapartida, poderá (porque o Facebook também o permite) eleger um certo número de amigos cujas postagens serão vistas prioritariamente. Em regra, serão conteúdos com os quais o usuário se identifica e por cujas atualizações anseia (BRANCO, 2017, p. 04).

Todavia, da mesma forma que esse sujeito tem facilidade em isolar ou excluir qualquer pessoa que divergir dos seus ideais, ele tem o poder de permitir deixar nesses espaços apenas os que concordem com sua visão de mundo. Isso restringe ainda mais o

espaço para debates e limita, o que poderia ser um ambiente crítico, em um campo superficial e previsível de dados.

Bauman (2007) destaca a facilidade dessas opções ressaltando a fragilidade que esses laços virtuais produzem. Contudo, o indivíduo já inerente a isso, não se atenta a tal fator e permanece regulando constantemente quem ele quer seguir nas redes. Destaque-se então que:

Quanto mais alguém curte e compartilha os posts dos amigos e recebe tratamento idêntico na mesma medida, mais o algoritmo se empenha em aproximar um dos outros. Esta é a forma mais segura de garantir que um usuário ficará o maior tempo possível conectado, interagindo dentro dos limites da rede (da bolha, na verdade) onde ele se encontra (BRANCO, 2017, p. 07).

A partir então desses contatos que constantemente confirmam seus valores e crenças através dos seus compartilhamentos, uma notícia falsa disseminada acaba se tornando um conteúdo verdadeiro para muitos, já que se cria uma credibilidade no que um amigo no âmbito virtual, que constantemente reforça suas crenças, publicou.

Manifesta-se um lado negativo do uso dessas redes, pois elas vão além de simplesmente segmentar informações. Quando falamos do uso de uma rede virtual, devemos destacar que:

Trata-se, mais amplamente, de compreensão do mundo. Não apenas da matéria de que ele é feito, mas também das engrenagens que o regem. Trata-se de discutir políticas públicas, cultura, direito, moral, arte, regulação, ética, tudo aquilo de que precisamos para criar coletivamente um mundo melhor. E é justamente neste particular que nosso uso da internet, com ou sem a ajuda do Facebook, está falhando de modo miserável. (BRANCO, 2017, p.04).

Ainda por cima, destaque-se que:

O meio digital é um meio de presença. A sua temporalidade é o presente imediato. A comunicação digital distingue-se pelo fato de as informações serem produzidas, enviadas e recebidas sem a mediação de intermediários. Não há mediadores que as dirijam ou as filtrem. Qualquer instância de mediação é cada vez mais firmemente excluída. A mediação e a representação são percebidas como opacidade e

ineficácia, como um fator de congestionamento dos fluxos temporal e da informação (CHUL-HAN, 2016, p. 27).

De um modo geral, para o autor, o presente é o único contexto temporal importante na vida dos indivíduos. Não somente na internet, pois “o nosso mundo caracteriza-se pelo primado absoluto do presente. O tempo dispersa-se numa simples sucessão de presentes disponíveis” (CHUL-HAN, 2016, p. 76). Na lógica das redes sociais, é sempre preciso pensar no novo, no que há de mais de atualizado, no que está acontecendo exatamente agora. Quem manda nesse universo são os seus próprios usuários, e eles precisam de atualizações constantes para se manterem informados.

1.3. Consequências da disseminação dos conteúdos falsos.

Com ou sem pretensão, uma notícia dita por algum amigo virtual pode ser publicada e se espalhar exponencialmente. Esta análise só confirma que:

[...] as tecnologias digitais, sobretudo e especialmente as potencializadas com a Internet promoveram uma verdadeira revolução em campos até então dominados, como o setor informacional e de comunicação. Esta seara de suma importância para o contexto coletivo passa a ter uma nova égide, desempenhada pelos internautas como próprios interlocutores da notícia e construtores da informação. (BARROS, GOULART, 2015, p. 10).

A veracidade das informações está aqui ligado a questões referentes a ideologia dos internautas, que concordam com a notícia que o amigo virtual publicou porque condiz com suas linhas de pensamento. Assim, na rede social:

[...] o viés de confirmação produz um fluxo de informação intencionalmente pré-determinado para o sectarismo ideológico. Com efeito, a corrupção do fluxo de informação gera uma conduta epistêmica que desloca a credibilidade epistêmica de fontes de informação razoavelmente confiáveis (como, por exemplo, a imprensa) para fontes validadas dentro da câmara de eco: isto é, a agência epistêmica do bom informante passa a ser justificada pelo viés de confirmação (FILHO, 2018, p. 5).

Por conta disso, a disseminação dessas informações, muitas vezes acabam se tornando virais incessantes dentro das bolhas, quase que incontroláveis. E, é claro, como não precisam ter compromisso com a verdade, podem ainda enganar um número gigantesco de pessoas.

O excesso de informação a que estamos sujeitos permanentemente nos impede de ler com atenção todas as notícias, refletir sobre seu conteúdo, buscar fontes alternativas, verificar os dados, emitir opiniões equilibradas. Assim, estima-se que mais da metade das pessoas que compartilham notícias na internet o fazem sem sequer ler seu conteúdo (BRANCO, 2017, p.8).

Esses conteúdos, apresentados como notícias sérias no campo digital, são o ponto chave de abordagem deste capítulo, e são denominadas *fake news*.

Para entendimento melhor do termo, é necessário compreender a definição de *fake news* e do seu impacto na sociedade. Segundo Gelfert (2018), o termo consiste numa informação que direciona o público ao engano de forma proposital. A partir disso, “a consequência provável de uma informação falsa com a aparência de notícia é a formação de crenças falsas por parte do público alvo” (MULLER, SOUSA, 2018, p. 04).

Devemos então distinguir a concepção de *fake news* com a de boato que são, de fato, notórias, afinal, “os boatos são transmitidos oralmente, ‘de boca em boca’, e, por isso, o alcance da cadeia pode não ser tão grande, dadas as condições geográficas e populacionais” (MULLER, SOUSA, 2018, p.5). Sendo assim, as fake news vão muito além de boatos por justamente por conseguirem se espalhar sem precisar se limitar a barreiras geográficas ou culturais. Todavia, é válido apontar que:

O termo fake news é uma expressão atual para nomear práticas antigas. Utilizar notícias falsas para manipular a opinião pública faz parte da história da humanidade, como na Segunda Guerra Mundial, destacando-se a atuação de Joseph Goebbels que, como Ministro da Propaganda de Adolf Hitler, foi o arquiteto da propaganda nazista. Esta, utilizando de forma excepcional os meios de comunicação daquela época, disseminou de forma inteligente e eficaz as ideias nazistas. (NETTO, PERUYERA, 2018, p. 13).

Mesmo através de um grande exemplo na humanidade, que comprova que a disseminação de conteúdos mentirosos não é de hoje, devemos destacar que, atualmente, a propagação dessas notícias surge com uma nova roupagem. O campo digital reedita o entendimento de proliferação dessas informações enganosas, justamente, porque difere do contexto nazista, em que a notícia emergia daquela linha de poder para atingir a população. Agora, a divulgação desses conteúdos surge de qualquer usuário virtual e se espalha de forma muito mais rápida do que antes.

Acrescentemos ainda o fato de que a internet é uma esfera de comunicação em que há uma excessiva liberdade na postagem do conteúdo de seus internautas. Tal fator dá total espaço a proliferação de materiais que muitas vezes distorcem fatos em seu discurso, afinal, estes não precisam de confiabilidade em suas fontes para os seus compartilhamentos. Destacando ainda o ponto que nem sempre são completas mentiras, muitas vezes, possuem apenas algumas alterações para ludibriar os seus receptores, as *fake news*, assim como qualquer outra informação no terreno atual das conexões, podem se alastrar gerando ponderosas consequências.

Segundo Gelfert (2018) os resultados sociais que esse fenômeno proporciona, acaba repercutindo nas mais diversas esferas da sociedade, como em conjunturas sociais relacionadas à política e ao processo de compra de bens e serviços. De modo geral, a absorção de conteúdos falsos, traz consigo uma série de danos que muitas vezes, mesmo que absurdos, o processo para desmenti-los ainda é árduo e incerto.

Além disso, “a própria forma como os links são compartilhados nas redes sociais dificulta a identificação da natureza dos conteúdos em circulação. O contexto é propício para a difusão das *fake news*” (DELMAZO, VALENTE, 2018, p.4). Por isso, devemos compreender que esses conteúdos não chegam muitas vezes de forma escrachada. Essas matérias se apresentam como fontes sérias, mas que muitas vezes, no próprio corpo de sua mensagem não possuem nexos. Isso se dá porque “mesmo quando os links são clicados, poucos leitores vão passar dos primeiros parágrafos, o que facilita ainda mais o trabalho de elaboração de uma notícia falsa” (DELMAZO, VALENTE, 2018, p. 4).

Segundo Branco (2017), grandes *cases* de *fake news* vêm mexendo com o nosso contexto social, contudo, mesmo chegando a níveis alarmantes, até a nível global, elas

permanecem sendo disseminadas sem qualquer preocupação dos seus criadores com algum tipo de medida judicial.

Isso se dá porque “muitas das notícias falsas são juridicamente irrelevantes e não geram qualquer consequência no mundo real. Podem ser encaradas quase como *spams* que circulam fora dos sites” (BRANCO, 2017, p.11). Sendo assim, mesmo com alternativas que vêm surgindo para bater juridicamente as *fake news*, ainda é bastante difícil manter um controle para combatê-las em medidas legais.

Todavia, não há uma forma de medir a quantidade de pessoas persuadidas por essas matérias, mesmo sendo apresentadas como alguns como notícias absurdas, muitos ainda acabam por acreditar em virtude das confirmações de suas ideologias dentro das bolhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, este artigo buscou traçar uma linha de argumentação que apresentasse, por meio dos fundamentos de inúmeros autores, justificativas para o surgimento das *fake news* e suas consequências na conjuntura contemporânea. Desde a proporção da velocidade que as informações assumiram, por meio dos avanços tecnológicos, até os resultados deste fenômeno, que desencadearam uma nova perspectiva de espetacularização para as relações sociais com o surgimento das redes sociais. Após conceituar o termo *fake news*, como conteúdo que se propaga, sobretudo, nessas redes, sem comprometimento com a verdade, ainda se foi analisado o caráter que elas assumem na atualidade. De fato, a força de se propagar que elas empenham sob os internautas se dá por conta da organização que as redes virtuais, campo que elas coabitam, funcionam, e isto vem trazendo um encadeamento de consequências negativas para o funcionamento do sistema que vivemos.

REFERÊNCIAS

BAHIA, José Aloise, **A Sociedade do Espetáculo**. Disponível em:
<<http://observatoriodaimprensa.com.br/spectulum/a-sociedade-do-espetaculo/>> Último acesso em: 02 de março de 2019.

BARROS, Bruno Mello Côrrea de; GOULART, Gil Monteiro, **Os meios de comunicação impactados pelas tecnologias informacionais: o pluralismo e a diversidade a partir das novas possibilidades democráticas atuais**. Disponível em:

<<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2015/3-4.pdf>> Último acesso em: 01 de nov. de 2018.

BAUMAN, Zygmunt, **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt, **Vigilância Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BRANCO, Sérgio. **Fake News e os Caminhos para Fora da Bolha**. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/4758/2017_branco_fake_news%20caminhos.pdf?sequence=1> Último acesso em: 02 de março de 2019.

CHUL- HAN, Byung. **No Enxame: Reflexões Sobre o Digital**. Lisboa, Relógios D'Águas Editores, 2013.

DEBORD, Guy. **A Sociedade de Espetáculo**. <Disponível em:

<<https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>> Último acesso em: 03 de março de 2019.

DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C. L., **Fake News nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques**. Disponível em:

<<http://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/5682/4561>> Último acesso em: 01 de nov. de 2018.

FILHO, João Batista, Ferreira, 2018. **A verdade sob suspeita: fake news e conduta epistêmica na política da desinformação**. Disponível em:

<https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/58100766/A_verdade_sob_suspeita.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1551621060&Signature=it7bW9SK76nMo3AZot075R6k7rU%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA_verdade_sob_suspeita_fake_news_e_condu.pdf> Último acesso em: 03 de março de 2019.

GELFERT, Axel. **Fake News: A Definition**. *Informal Logic*, 38(1), 84-117

Disponível em:

<https://informallogic.ca/index.php/informal_logic/article/view/5068> Último acesso em: 03 de março de 2019.

MULLER, Fellipe de Matos; SOUSA, Márcio Vieira de, **Fake News: um problema midiático multifacetado**. Disponível em:

<<http://proceeding.ciki.ufsc.br/index.php/ciki/article/view/511/261>> Último acesso em: 03 de março de 2019.

NETTO, Carl Friedrich Wilhelm Litzendorf; PERUYERA, Matias Sebastião. **Fake News como ferramenta de propaganda política na internet**. Disponível em:

<<http://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-1637-1.pdf>> Último acesso em: 03 de março de 2019.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).